



TRILHAS INTERPRETATIVAS: FUNDAÇÃO DE UMA ENTIDADE QUE VISA A INTEGRAÇÃO HOMEM E MEIO AMBIENTE

Douglas Abrahão de Oliveira

Resumo

Este trabalho versa, sobre a criação de uma Entidade Filantrópica sem fins lucrativos, denominada Trilhas Interpretativas, que tem sua sede em Uberlândia, Minas Gerais e que visa desenvolver a consciência ambiental, entendendo esta como um processo diferente da Educação, pois a primeira remete epistemologicamente há algo interior ao indivíduo, enquanto a segunda se apresenta por vezes como uma força coercitiva a práxis dos atores sociais. A fim de almejar tais escopos é eleito pelo coletivo as Atividades de Aventura, como mediador entre homem e meio ambiente, pois como é possível se conscientizar sobre algo que nem ao menos se conhece.

Abstract

This paper is about the creation of a philanthropic nonprofit, called trails, which is based in Uberlandia, Minas Gerais, which aims to develop environmental awareness, understanding this as a different process of education, because the first refers epistemologically there is something inside the individual, while the second appears sometimes as a coercive force of the praxis of social actors. In order to aim for such scopes and elected by the Adventure Activities collective as a mediator between man and environment, because as you can become aware of something that does not even know.

Histórico, Processo de Apropriação e Nomenclaturas.

A Entidade Trilhas Interpretativa (TI) foi fundada no dia vinte e quatro de junho de dois mil e dez (24/06/2010), por um grupo de amigos que tinham um interesse em comum (o de preservar e compartilhar) os espaços naturais e urbanos aos quais freqüentavam quase religiosamente todos os finais de semana. E que com a fundação desta entidade vislumbraram a possibilidade de resguardar estes das depredações naturais desencadeadas pelo extrativismo econômico dos homens e pelo abuso de visitantes que exploram os lugares de forma descontrolada e sem possuir “consciência” dos impactos que estão desencadeando a todo um ecossistema, ao qual “eles” fazem parte e que tem repercussão a médio prazo em nossa vidas.

A intenção do coletivo não é a de isolar tais espaços, impedir ou controlar o acesso, mais sim conscientizar sobre a importância de se possuir uma “consciência ambiental”, entendendo que o meio ambiente, não se configura apenas com os espaços naturais, mais também e de certa forma prioritariamente os espaços urbanos, que possuem problemas já desenfreados e que são demasiadamente agravados por nossas ações



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

desenfreadas e não atreladas a um sendo de coletividade, de preservação e conservação de uma forma de vida sustentável.

O nome (Trilhas Interpretativas) foi intencionalmente escolhido, e não é criação do grupo, mais sim uma nova interpretação a um termo já existente, que epistemologicamente remete a toda a essência que o grupo tenta transmitir e transparecer em suas ações, pois “Trilhas” tem sentido de um caminho a ser percorrido (sempre mais de um, por isso à alusão ao plural) que você determina qual e principalmente como vai ser, e “Interpretativas” remonta justamente ao comentado anteriormente; nestes caminhos percorridos pelos indivíduos se faz possível interpretações (ações) das mais variadas formas, nos permitindo e abrindo um vasto leque de possibilidades quanto a interação através da reaproximação adaptatória entre homem e meio ambiente.

A partir deste pressuposto e tendo em vista o processo de apropriação, estratificação e externalização que o homem tem assumido em relação aos espaços naturais e urbanos, se faz necessário à concepção de uma visão não alienante deste processo, onde por vezes nos fazemos omissos.

E a fim de contribuir para o processo surge a proposta, a criação desse coletivo que tem como representação social o termo *Trilhas Interpretativas*, usualmente chamado de T.I. que tem como finalidade principal, porém não única, trabalhar a *Conscientização Ambiental*, através das *Atividades de Aventura* utilizando –se desta como mecanismo de mediação entre os homens e o meio ambiente; neste quesito é importante fazermos alguns adentros epistemológicos, como, a diferenciação entre os termos empregados socialmente para representar estas atividades realizadas junto aos espaços naturais e urbanos. Sendo assim:

“Atividades de Aventura, incorporam o sentido de uma prática junto à natureza, voltada para o Hobby, o lazer (que não deve assumir o caráter ‘compensatório’, ou seja, buscar na natureza e na prática de tais atividades, aquilo que a ‘sociedade moderna’ não proporcionou ao indivíduo) onde os atores sociais se apropriam destes espaços como forma de (re) aproximação ao meio natural, deixando alheio o caráter competitivo, prevalecendo os diferentes sincretismos simbólicos, relacionados à emoção, aventura, ao mutualismo com a natureza, a busca pela adrenalina e sobre tudo a sensação de lidar com o risco, além de tantos outros.” (Oliveira, D.A. Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. 2010)

“Esportes de Aventura pressupõe a esportivização das atividades realizadas junto à natureza, por meio da exploração de seus recursos, através da institucionalização de órgãos (estatais ou não) visando regulamentar as atividades desse caráter, por meio de regras, estatutos e criação de competições, agregando a lógica mercantilista e desvelando um amplo “Cercado Social”, entendido como; espaço exclusivo (sendo assim excludente) de determinados profissionais dentro do mercado de trabalho; contribuindo diretamente no fortalecimento do processo de esportivização destas práticas.” (Oliveira, D.A. Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. 2010)

A partir desta perspectiva, trazemos como alternativa de corroborar com o processo, as Atividades de Aventura (A.A.) procurando não “tratando estes espaços como algo fora do indivíduo, transformando-os em cenário para tais práticas, não visando



“compor” com a natureza, “fazer” e “ser” parte dela no momento das vivências destas experiências, reproduzindo em suas práxis os hábitos e ritos vivenciados no cotidiano da lógica atual de sociedade, mais sim tendo em vista trabalhar a conscientização ambiental, entendendo esta em seu sentido epistemológico mais profundo, que remonta a capacidade do indivíduo de ter dimensão de suas ações sociais no ambiente em que se encontra inserido; que se difere de Educação, pois esta por vezes, se configura enquanto um mecanismo de Ensino e para tanto de costume, que desencadeia demasiadamente com que os atores sociais desenvolvam ações por hábito, conveniência, costume ou na maioria das vezes por imposição da lei, o que não é a proposta desse coletivo.

Nossa principal ação/proposta é que os indivíduos como um todo, sejam estes de qualquer credo, classe, idade, gênero e etnia adquiram “consciência” de seus atos, e passem a assumir posturas crítico reflexivas sobre tais, de forma que desempenhem atitudes ditas “Ecologicamente corretas” não por incentivos fiscais, pelo poder coercitivo da lei, pela imposição de um grupo social ou tantos outros mecânicos coercitivos. Desenvolvendo assim, ações pautadas na importância que seus atos podem desencadear, adquirindo consciência e concomitantemente responsabilidade, enxergando-se parte ativa destes espaços, aos quais estamos conscientes ou não inseridos.

Para tanto, trazemos a questão. Como é possível preservar e proteger algo¹ que nem ao menos se conhece? Adentramos ao principal problema desencadeador dessa realidade extrativista, onde os indivíduos não se sentem co-responsáveis para com os dilemas ambientais tão vivenciados em nosso cotidiano e que assolam qualquer lugar do planeta (sendo reservadas suas devidas particularidades) fato passível de observação em diversos espaços sociais, que possui como fator preponderante a falta de informação e conhecimento dos indivíduos, sobre o ambiente que ele compõe e a importância da conservação desse meio; visto em uma esfera micro sociológica², e também macro sociológica³ onde são diversos os problemas que afligem a população, questões como as discutidas nesse trabalho aparentemente se apresentam longínquas e insignificantes acabando sendo postas em determinadas situações em segundo plano.

Diante disto, trazemos a nosso ver há forma mais eficiente e eficaz de desenvolver a consciência ambiental, as Atividades de Aventura (eminentemente atreladas à emoção, superação, descoberta de si mesmo e do meio natural) como mediador entre Homem e Meio Ambiente, fazendo com que estes conheçam, sintam e se enxerguem parte deles, caminhando assim para o despertar da Consciência Ambiental.

Atividades Desenvolvidas pelo Grupo

Para se alcançar os objetivos acima, e seguindo as diretrizes de trabalho do Coletivo, tem sido desenvolvidas atividades como as relacionadas abaixo:

- *Cursos, Mini – cursos, Palestras e Apresentações Áudio – Visuais:*

¹ O Meio Ambiente.

² Uberlândia – Minas Gerais.

³ O mundo.



- Que contraste com a realidade social a ser trabalhada, exemplifiquem e denotem a importância há questões como consciência ambiental, corporeidade, hábitos de vida saudável e prática regular de exercícios.

- *Dinâmicas de Grupo, Oficinas de Capacitação:*

- Realizar através de Atividades de Aventura, como a corrida de orientação (e diversas outras de fácil aplicação e compreensão) a interação do grupo participante, concomitantemente despertando-os a todas as questões mencionadas anteriormente, almejando como resultado a criação ou a disseminação do trabalho realizado com a população através de multiplicadores com foco de alerta e divulgação para a população sobre questões relacionadas com a temática, culminando na transformação do ambiente em que estes se inserem.

- *Grupos de Estudo e Pesquisa:*

- Estudar e desenvolver pesquisas, dos mais variados temas, relacionados aos escopos da Entidade, tendo em foco o aprimoramento dos participantes e de demais indivíduos, buscando aplicação prática e teoria em ambos.

- *Recuperação da Mata Ciliar:*

- Em um primeiro momento realizar o trabalho de recuperação e preservação dos recursos hídricos que cortam Uberlândia e região, (para sim expandir para as demais regiões) visando à limpeza dos mesmos, assim como o reflorestamento da mata destruída evitando os danos subseqüentes, e motivando a promoção do voluntariado.

* Este trabalho teoricamente tem sido realizado pela Prefeitura da cidade em questão, contudo não é bem o que se observa quando percorremos os rios que cortam o entorno da cidade, varias são as causas deste descuido, mais a priori o que conseguimos identificar como principais são a vastidão do território supra citado e como comentado no início do texto a posição de deixar em segundo plano assuntos relacionados a estas esferas.

- *Limpeza e Restauração de Espaços Naturais e Urbanos:*

- Transformar prédios abandonados e outras estruturas aparentemente sem utilidade, em espaços de disseminação da prática de Atividades de Aventura que remetem tanto ao bem estar físico e mental, quanto à promoção de hábitos de vida saudáveis, disseminando ainda a civilidade, ética, paz e cidadania.

- *Trabalho com Escolares:*

- Dentro das Instituições Publicas desenvolver trabalho paralelo ao da Educação Formal, visando contribuir com a formação integral dos educandos realizando o trabalho de conscientização ambiental de forma sistematizada.



- *Organização de Ações Sociais:*

- Visando à promoção do desenvolvimento econômico - social e combate à pobreza por mecanismos de arrecadação de recursos de subsistência, concomitante a distribuição a famílias necessitadas.

- *Arte*

- Experimentação de um novo modelo sócio - produtivo por materiais naturais e recicláveis, a partir da expressão da semiótica humana.

Referências

1- ALCYANE, M. Lazer, Natureza e Aventura: Compartilhando emoções e compromissos. Rev. Bras. Cienc. Esporte, v.22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001.

2- ALCYANE, M. INÁCIO, H. L. D. Educação Física Meio Ambiente e Aventura. Um percurso por vias instigantes. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v.28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

3- BAHIA, M. C. SAMPAIO, T. M. V. Lazer – Meio Ambiente. Em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v.28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

4- Oliveira, D.A. Relato de caso: Reflexões sobre as atividades de aventura, nomenclatura e processo de apropriação. In. V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. 2010. São Bernardo do Campo. Anais CD-ROM.